

Editorial

O 15º número da *Tabulae* – Revista de Philosophia – brinda os leitores com uma variada gama de interesses e registros filosóficos que vão desde as intersecções entre filosofia e hermenêutica bíblica passando por temáticas nietzscheanas, abordando tópicos como o autoengano, pesquisando filósofos tais como Wittgenstein, Marcuse, Lima Vaz bem como um estudo concernente ao Direito: o direito da criança de brincar.

O primeiro artigo “Sobre a Sedução” é de autoria do renomado professor Dr. Benedito Eliseu Leite Cintra – professor aposentado da PUCSP e atualmente lecionando na Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAFCOM). O autor apresenta diversas traduções do Capítulo 2 do livro do Gênesis e mostra como a linguagem simbólico-mítica em torno da “serpente” serve de base para discussões acerca do tema da liberdade humana, da inteligência e da vontade. Há um diálogo entre traduções da Bíblia e o *Menon* de Platão. O Dr. Cintra também se inspira no mito adâmico em sentido de um mito etiológico, como vem empregado por Paul Ricoeur. O Dr. Cintra conclui abrindo suas considerações a críticas posteriores tanto sob o prisma filosófico quanto o teológico. Ele conclui que abrigamos a *serpente* em nosso íntimo e que isso o podemos observar na corrupção no contexto da mútua astúcia – a astúcia da razão (Hegel) – à guisa do provérbio mineiro “confiar desconfiando”. Dr. Cintra elabora uma reflexão contundente acerca da Idade Média e da Idade Moderna e descreve a passagem do teísmo ao ateísmo: vivemos hoje primitivo arrebatamento de ateísmo epistêmico.

No segundo artigo, o Dr. Bortolo Valle – professor da PUCPR, da Faculdade Vicentina (FAVI) e da Universidade Positivo – e o mestranço (PUCPR) Leandro Sousa Costa se debruçam sobre “O papel da

dúvida na filosofia tardia de Ludwig Wittgenstein”. A certeza, a dúvida em sua relação com a linguagem se inserem nos desdobramentos do segundo momento no pensamento de Wittgenstein: não o momento sintático-semântico da linguagem – a teoria da figuração –, e sim seu voltar-se à pragmática – dos fatos – da linguagem. A argumentação principal é a de que a dúvida aplica-se em certos jogos de linguagem e terá aí sentido, enquanto noutros, não. Admitindo que a dúvida seja elemento preponderante da investigação filosófica, a obra tardia de Wittgenstein intitulada *Da Certeza* (1949-1951), como aponta o artigo, traz à tona uma equivalência entre os termos “pensar”, “saber”, “crer” e a “dúvida”. Similarmente como a certeza, a dúvida é componente integral da estrutura conceitual ligada à nossa condição humana. Por conseguinte, tanto a certeza quanto a dúvida e a linguagem estão numa relação intrínseca própria ao humano.

O terceiro artigo é de autoria do Mestre Eduardo Brindizi Simões Silveira (PUCPR) e do Dr. Cleverson Leite Bastos (PUCPR). O título do artigo sendo “O autoengano como percepção distorcida da realidade e a formação dos valores”. O artigo principia com exemplos do engano observável na natureza tais como o burlar do mecanismo de defesa imunológica pelas bactérias e pelos vírus bem como o *Acanthaspis petax* que é um percevejo africano que se infiltra em um formigueiro, camuflado com as carcaças de outras formigas, que ele já havia matado previamente. Outro exemplo pode suceder nas espécies sociais tais como os primatas, mas, enquanto os animais são capazes de enganar, o ser humano, além de praticar o engano, pratica também o autoengano. Os autores do artigo se inspiram no estudo do biólogo Robert Trivers sobre *self-deception* (autoengano). Nas múltiplas interações socioculturais estudadas pelos autores aparecem considerações específicas nas áreas dos processos cognitivos (memória), conscientes e inconscientes, fisiológicos, biológicos, éticos, morais, psicológicos, genéticos e de identidade e orientação sexual. A pesquisa desse artigo aponta o autoengano como sendo um mecanismo que ao projetar uma forma deficiente a realidade, projeta também uma realidade mais desejável.

No quarto artigo – A hipótese da formação (*Bildung*) como pressuposto à tarefa de “tornar-se o que se é” em Nietzsche – os autores Jonas Faccin (Professor de Filosofia no Ensino Médio) e o Prof. Dr. Gelson

João Tesser (Universidade Federal do Paraná) voltam sua atenção à palavra alemã *Bildung* traduzida em termos de “formação e configuração”, e ela é vinculada ao reconhecimento da existência trágica do homem no mundo. Em contrapartida, a Formação (*Bildung*) também pode auxiliar no processo de pensar numa reerguida cultural alemã no sentido de uma educação que prezasse um tipo de homem forte, superior, comprometido com a própria existência. Longe de ser um discurso universalizante, cujo objetivo era tornar todos iguais, longe de propor um comodismo cultural, os autores sustentam a tese de que a intenção do filósofo alemão era propor a Arte como um grande instrumento transformador da cultura. Trata-se do tema da formação da personalidade autêntica, representada pela figura do gênio.

No quinto artigo – “O antropológico no contemporâneo de Lima Vaz” –, de autoria do doutorando (PUCPR) Anderson Luiz Tedesco, a problemática gira em torno das contribuições filosóficas desse que é um dos mais brilhantes e complexos filósofos brasileiros. Tedesco pesquisa o tema da crise espiritual do mundo contemporâneo que coloca em risco a ontologia do ser humano. Sendo assim, problematiza-se a descaracterização do conceito de ato espiritual. No entanto, a autorrealização do ser humano emerge também do ato espiritual no qual sucede a consciência da plenitude humana na realização com o transcendental. Partindo do trágico da contemporaneidade em termos do humano enquanto *animale diabolicus* e de um processo que não é de subjetivação, e sim de dessubjetivação. A argumentação do autor do artigo apresenta a real possibilidade de se pensar na construção antropológica que seja respaldada em pressupostos filosóficos para dialogar com o pensamento humanista do filósofo Henrique C. de Lima Vaz. Tedesco segue o itinerário metodológico de Lima Vaz organizando suas ideias de modo a constituir um sistema antropológico-filosófico disposto de maneira metódica, sistemática e dialética.

No artigo intitulado “O direito de brincar como expressão da cidadania da criança no Brasil contemporâneo”, a Mestre em Direito Público pela UFPR e Especialista em Filosofia do Direito pela PUCPR, Maria da Glória Colucci, reflete acerca da Constituição de 1988, da Convenção sobre Direitos da Criança (1989), do Estatuto da Criança e do Adolescente (Art. 16, IV) no que tange os direitos fundamentais da criança e

do adolescente: direito de brincar. A reflexão de Maria da Glória Colucci está fortemente pautada nas teorias pedagógicas modernas, numa perspectiva histórica da tutela constitucional estatutária do lazer e do direito de brincar vinculando essas teorias ao tema da Cidadania, o direito de brincar se insere no exame da educação estabelecendo esse direito como formador da personalidade e do preparo para a vida e o trabalho, como expressão da liberdade, respeito e dignidade. Maria da Glória Colucci assevera: “O chamado trabalho infantil [...] envergonha o País e exclui do acesso à escola e ao direito de brincar grande número de petizes”.

O título “Noção de progresso na sociedade moderna, segundo Marcuse” é o sétimo artigo de autoria do mestrando (PUCPR) Carlos Ferreira dos Santos. Em questão no artigo está o conceito de progresso – sob o registro de Marcuse, da Escola de Frankfurt – à luz da Psicanálise (conceito de repressão) e das categorias do trabalho alienado, da crescente escassez que cria a necessidade de contínua produtividade. Após cuidadosa análise, Carlos Ferreira dos Santos conclui que o princípio de repressão é um dos mecanismos que dá suporte ao progresso moderno. No entanto, há condições para uma existência diferente que possa superar o ciclo vicioso do progresso na civilização. É na conciliação entre razão e estética que tal possibilidade de saída é plausível.

Resta-nos, agora, adentrar no mundo da Filosofia para daí aprendermos a enriquecer o pensamento humano com os movimentos que a própria vida em suas multifacetadas dimensões suscita no filósofo por vocação.

Ednilson Turozi de Oliveira¹

¹ Ednilson Turozi de Oliveira possui graduação em Filosofia pela PUCPR, Mestrado em Teologia pela Catholic Theological Union (Chicago – EUA), doutorado em Ciência da Religião com concentração em Filosofia da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora; pós-doutorado em Ciência da Religião com concentração em Filosofia da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Doutorado e pós-doutorado sob a orientação do Prof. Dr. Luís Henrique Dreher e fomentados pela FAPEMIG.